

# **A multifuncionalidade da construção *vamos supor* na fala da região Noroeste do Estado de São Paulo**

(The multifunctionality of the construction *vamos supor* in the speech of the Northwest area of the State of São Paulo)

**Cássio Florêncio Rubio**

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – São José do Rio Preto – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

cassiorubio@yahoo.com.br

**Abstract:** We propose in this paper to analyze, under the textual-interactive perspective (JUBRAN, 2006), the multifunctionality of the construction *vamos supor* in the dialect of the interior from São Paulo. The corpus used for the accomplishment of our research it comes from the database Iboruna, belonging to the Project ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista).

**Keywords:** textual linguistics; textual-interactive grammar; Brazilian Portuguese.

**Resumo:** Buscamos neste trabalho analisar, sob a perspectiva textual-interativa (JUBRAN, 2006), a multifuncionalidade da construção *vamos supor* no dialeto do interior paulista. O corpus utilizado para a realização de nossa pesquisa provém do Banco de Dados Iboruna, pertencente ao Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista).

**Palavras-chave:** lingüística textual; gramática textual-interativa; português brasileiro.

## **Introdução**

O enfoque textual-interativo apóia-se na concepção de linguagem como uma forma de ação, uma atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias de enunciação, conforme ressalta Jubran (2006). O texto é tido como uma unidade resultante da ação verbal e é uma entidade comunicativa verbalmente realizada. A língua é estudada sob a forma como se manifesta na interação, o que tem como consequência o estudo do próprio texto.

Partindo da premissa de que o texto é uma unidade globalizadora, sociocomunicativa, que ganha existência dentro de um processo interacional, os estudos de base textual-interativa, fazem uso da Pragmática, da Lingüística Textual e da Análise da Conversação, para a descrição da língua falada, pois tratam dos aspectos comunicativos típicos da interação face a face, realizados em situações informais de interlocução.

O texto falado possui algumas características que o diferenciam do texto escrito, como ressalta Koch (2006). Na fala, há uma dinâmica de alternância de turnos e, por consequência, uma dialogicidade em maior escala, pois os interlocutores estão co-presentes, o que ocasiona uma co-produção ou co-autoria textual, já que há uma interlocução ativa na materialidade lingüística.

Há, dessa forma, uma enumeração de características que somente estarão presentes na fala, como o discurso localmente planejado, instituído a cada novo lance do jogo de linguagem. Além disso, no texto falado, as descontinuidades no fluxo discursivo são freqüentes, o que pode ser explicado por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional, com justificativas pragmáticas de relevância, as quais recebem especial ênfase na perspectiva textual-interativa, que irá abordar também a sintaxe característica do texto falado.

O texto falado possui uma estrutura própria, ditada por circunstâncias sociocognitivas de sua produção e, assim, deve ser analisado e descrito sob a mesma ótica.

O interlocutor realiza, em uma interação, diversas atividades de processamento do texto, que indicam formulações, reformulações, inserções, correções etc. Essas atividades podem ser expressas de diversas formas, seja por meio de manifestações prosódicas, seja por meios funcionais ou mesmo por meios lexicais.

Ocorre, porém, que os elementos utilizados para essas atividades somente assumem um papel definido em meio ao próprio texto, já que, mesmos itens ou elementos podem assumir diferentes funções, como veremos adiante, ao analisarmos o caso particular da construção *vamos supor*, a qual será analisada sob uma perspectiva sincrônica, visto que o Banco de Dados Iboruna da qual provém foi composto recentemente, com amostras de fala que refletem o comportamento lingüístico contemporâneo de falantes riopretanos e de regiões adjacentes. Contudo, demonstraremos que esse tipo de construção pode exercer diferentes funções em meio à construção do texto falado.

Antes, porém, cabe ressaltar que essa construção não mais pode ser enxergada como uma perífrase verbal simples, como nos demais casos de perífrase com o verbo *ir*, uma vez que seu uso encontra-se já cristalizado (v. exemplo (i)), não sofrendo mais variação em tempo, número e pessoa. Construções como (ii), em que há a alteração de pessoa e do número, e (iii), em que há alteração temporal do verbo que atuaria como auxiliar na perífrase, não foram encontradas em nosso córpus e somente serão possíveis em contextos de produção diferente, codificando um evento impar ao evento normalmente inserido pela construção *vamos supor* (fato fictício, hipótese, suposição).

- (i) *vamos supor*... num dia se ele vender cinco é cinqüenta reais por dia... ele vai querer trabalhar num lugar pá ganhar duzentos e cinqüenta por mês/ duzentos e sessenta?  
(AC-024)
- (ii) \* *vou supor*... num dia se ele vender cinco é cinqüenta reais por dia... ele vai querer trabalhar num lugar pá ganhar duzentos e cinqüenta por mês/ duzentos e sessenta?
- (iii) \* *fomos supor*... num dia se ele vender cinco é cinqüenta reais por dia... ele vai querer trabalhar num lugar pá ganhar duzentos e cinqüenta por mês/ duzentos e sessenta?

Fato interessante a ser mencionado é que a cristalização da construção ocorreu de forma que o “verbo auxiliar” permanecesse na primeira pessoa do plural, assim como ocorre com diversas outras estruturas de comportamento próximo ou semelhante, como: *digamos, digamos assim, podemos dizer, como nós*

*já vimos* (JUBRAN, 2006). Ainda que, na maioria das vezes, essas expressões sejam ditas por um único interlocutor e este esteja construindo o texto individualmente, baseado em seu ponto de vista, o uso da primeira pessoa do plural pode ser explicado como uma tentativa, por parte do falante, de comprometer-se apenas parcialmente com o conteúdo do discurso, ou mesmo de amenizar o grande comprometimento causado pelo uso da primeira pessoa do singular.

## 1. Classificação

### 1.1 *Vamos supor* como construção matriz

A construção *vamos supor* pode ser encontrada no formato de oração matriz de uma construção complexa, estabelecendo uma relação de hierarquização com relação a uma construção encaixada, como observamos no exemplo (1a-b):

- (1) nós jogava em seis pessoas... nós sentava tudo:: tipo de um círculo assim né?... e o mestre... numa ponta né?... aí vai (inint.) o jogo é:: imaginário... é:: jogo que imagina né?... aí fizeram tipo de uma ficha... aí cê montava seu personagem que tem as qualidade dele que é as desvanta::gens as desvanta::gens as fo::rça a::... a:: evolução de::les... como você sabe fazer com e::lê... aí você tem um tanto de ponto *vamos supor* que ele te dá duzentos e cinquenta pontos porque cada coisa tem seu tanto de ponto... aí cê num pode passar desse tanto de ponto duzentos e cinquenta ponto... e cada coisinha que tem lá pro cê montar seu personagem tem um valor e tem as perícia também né?...

(AC-015)

- (2) e:: como é que é... *vamos supor* que o senhor precise me... me ensinar como é que faz o/esse paletó... um paletó?

(AC-151)

Nesse tipo de construção, há uma forte relação de dependência entre a oração matriz (*vamos supor que*) e a oração encaixada (*ele te dá duzentos e cinquenta pontos*). O enlace entre as orações é mais estreito e há até mesmo uma obrigatoriedade de que o verbo da oração encaixada satisfaça a relação de subordinação em relação à oração matriz. No caso da perífrase verbal *vamos supor*, que funciona como condicional, haveria necessidade de que o verbo da oração encaixada fosse conjugado no subjuntivo, (v.(2)), porém, como ocorre com outros casos de encaixamento, há uma forte tendência, na fala, de que o verbo da oração encaixada que deveria vir no subjuntivo seja conjugado no indicativo, como vemos em (1).

Dizemos que há uma forte relação entre a oração matriz e a encaixada porque a oração matriz possui uma posição fixa na estrutura, demarcada, sobretudo, pela presença do relator subordinador *que*, o qual introduz a oração encaixada.

### 1.2 *Vamos supor* como construção justaposta

Podemos encontrar a construção *vamos supor* em relação de justaposição com outra oração. Nesse caso, a relação de hierarquia entre elas não é totalmente anulada, mas enfraquecida pelo apagamento do relator subordinador *que*, como vemos em (3):

- (3) aí depois de quatorze ano ele vol// não depois de dez ano... ele tirou quatro ano do jogo... aí ele depois de dez ano ele volto::u pra::... dominar a terra... e eu na época eu tinha virado do mal... meu nome era Broune tem num jogo do::... tem no desenho do::... Dragonbal tem o Boune né?... e na época eu tinha virado do mal por causa de um colar... no começo do jogo eu esqueci de te contar mas no começo do jogo... cê tem que montar uma história pra você... como é que fo::i qual que é o teu intuito da histó::ria... *vamos supor* a minha era que meu pai tinha mo/ meu pai e minha mãe tinha morri::do... e::... tinha deixado um colar pra mim... era o colar do Broune... só que esse colar é do mal... quando eu pnhava esse colar eu ficava do mal né?..

(AC-015)

Há uma colocação lado a lado entre a primeira oração (*vamos supor*) e a segunda (*a minha era que eu pai tinha mo/ meu pai e minha mãe tinha morrido...*), resultando uma relação que tende mais a equivalência do que a subordinação. Esse tipo de relação irá favorecer ainda mais a tendência de que o verbo da segunda oração não seja conjugado mais no subjuntivo, mas sim no indicativo, ainda que a construção *vamos supor* sugira uma relação semântica de condição. Não foi encontrada nenhuma ocorrência de oração justaposta com a “perífrase verbal”, em que o verbo estivesse no modo subjuntivo.

### 1.3 *Vamos supor* como marcador discursivo

Em alguns casos a construção *vamos supor* poderá desempenhar o papel de mecanismo de organização textual-interativo, funcionando como seqüenciador tópico e orientador do discurso, como no exemplo (4):

- (4) Doc.: cê falou que cê gosta da Terapia Ocupacional né? que que cê acha de fazer esse tipo de... terapia mesmo? cê acha importan::te?  
Inf.: ah eu acho porque:: *vamos supor* mente vazia é a oficina do diabo né? então:: lá é um lugar que cê num fica de mente vazia então (o tempo) ocupa bastante cê conversa com bastante gente tem bastante coisa pá fazer... cê tem:: muitas/ cê tem vários lugares prá você (tá indo) fazer alguma coisa...

(AC-024)

Ainda que, aparentemente, o exemplo acima, tenha semelhança com os casos de oração justaposta, observa-se que não há qualquer relação entre a primeira oração (*vamos supor*) e a segunda (*mente vazia é a oficina do diabo né?*). A construção poderia ser apagada sem qualquer prejuízo semântico para a oração seguinte, funcionando, portanto, como um marcador discursivo, que tem como característica ser exterior ao conteúdo proposicional, tendo total transparência semântica. Sua função é apenas de conduzir o tópico discursivo. Essa posição é reforçada pelo prolongamento da conjunção anterior (*porque*), que sinaliza uma estratégia prosódica de manutenção do turno.

Nesse estágio, a estrutura é comunicativamente autônoma e possui maior independência sintática.

## 2. Escopo

A extensão do escopo da construção *vamos supor* pode ser variável, recaindo apenas em um sintagma nominal ou até mesmo em uma seqüência de

enunciados que forma um tópico discursivo. Essa característica está fortemente correlacionada com o fato deste tipo de construção exercer diferentes papéis dentro do texto e de possuir diferentes classificações, como vimos anteriormente. Ainda que a extensão do escopo seja variável, a posição da construção *vamos supor* e de seu escopo não varia, ou seja, nas ocorrências observadas, a construção sempre aparece em primeiro lugar.

## 2.1 Apenas o SN como escopo

No exemplo (5), a seguir, o escopo da construção recai somente sobre o sintagma nominal (*umas quatro trocas*). A hipótese, proposta pela construção *vamos supor*, somente se faz presente no número de trocas de água que se deve efetuar para que o sal do bacalhau seja atenuado.

- (5) Doc.: ah é com <sup>23</sup>[água]  
Inf.: <sup>23</sup>[tem ba]calhau que você tem que colocar sal nele...  
Doc.: com água gelada ele... <sup>24</sup>[perde] ((inf.: <sup>24</sup>[é]))o sal mesmo...  
Inf.: perde... totalmente... se coloca::r *vamos supor* umas quatro trocas... cê tem que colocar sal... ((doc.: <sup>25</sup>[ah::])) <sup>25</sup>[cê vê o poder] que tem a água gelada sobre o bacalhau?...  
Doc.: ah:: entendi  
Inf.: né... então já teve bacalhau que tive que colocar sal porque saiu totalmente... então eu num costume colocar muito tempero (então) é minha bacalhoada... meu marido não é muito chegado...

(AC-100)

## 2.2 A oração justaposta como escopo

Pode ocorrer de uma oração localizada após a construção *vamos supor* ser totalmente escopada por ela, como observamos no exemplo (6):

- (6) Inf.: ahn eu acho assim não é... certo num é né? porque sabe porque tudo depende muito da pessoa se a pessoa tem vontade... então ela vai prá frente se ela num tem então *vamos supor* cê entra lá no meu serviço vou te dar um exemplo você entra no meu ser/na padaria que eu trabalho... você num tem aquela vontade de trabalhar

(AC-089)

A suposição ou situação fictícia proposta pelo interlocutor (alguém passar a trabalhar no serviço do informante) está sendo escopada por completo, ou seja, toda a situação proposta na segunda oração justaposta está sofrendo a alteração por parte da perífrase verbal.

## 2.3 A oração encaixada como escopo

Da mesma forma que a oração justaposta pode ser escopada pela construção *vamos supor*, também as orações encaixadas podem ter como escopo esse tipo de construção. Na verdade é comum que o escopo nesse tipo de construção recaia sobre toda oração, já que, como afirmamos anteriormente, há um alto grau de integração entre construção matriz e oração encaixada, como verificamos a seguir, em (7):

- (7) Inf.: ah tá... então... por exemplo depende a cor que vo/ que a pessoa tiver no cabelo... depende se ela quiser mudar de tom de cabelo... tem tudo isso envolvido... por exemplo... se a pessoa quiser... *vamos supor* que a pessoa ela tá querendo pintar o mesmo tom que ela já tá no cabelo... só que ela tá com o cabelo branco entendeu?... então o que que vai acontecer... prá pegar bem a tinta que ela tem que... passar no cabelo... que a cabe/ que a profissional vai passar no cabelo dela... vai ter que fazer uma pré-pigmentação... é chamada de pré-pigmentação...

(AC-079)

O escopo da construção *vamos supor* recai sobre o oração introduzida pelo relator subordinador *que (a pessoa ela tá querendo pintar o mesmo tom que ela já tá no cabelo...)*, que engloba toda a situação proposta pelo interlocutor como sendo possível de acontecer, porém incerta ou fictícia até o momento.

## 2.4 Várias orações como escopo

Há casos em que a construção *vamos supor* tem como alvo, ou seja, tem como escopo uma seqüência de enunciados que forma um tópico discursivo. Normalmente, nesses casos, a construção é inserida no início da fala do interlocutor e os períodos que se seguem vão sendo inseridos todos como relação direta com a informação semântica veiculada pela construção (v.(8)).

- (8) Doc.: uhum ((concordando))  
Inf.: entendeu?... *vamos supor* às vezes a mulher tem a cabeça de num ter filho ago::ra... de achar que num... que ago::ra num tá no momen::to... que vai estragar a vida dela em alguma coi::sa... tem muita mulher que fazem o aborto por causa disso... cada mulher faz por um... motivo... cê entendeu?... umas às vezes num tem condições de criar e num tem também coragem de dar e acha melhor... tipo assim ai eu fiquei grávida... agora tá no comecinho eu vou tirar porque num tá formado ainda  
Doc.: uhum

(AC-079)

Observe que não somente a oração que segue a perífrase é escopada, mas também as que a seguem.

- (9) *Vamos supor* às vezes a mulher tem a cabeça de num ter filho agora  
às vezes a mulher tem a cabeça de achar que num quer agora  
às vezes a mulher tem a cabeça de achar que num tá no momento  
às vezes a mulher tem a cabeça de achar que vai estragar a vida dela em alguma coisa

## 2.5 Escopo zero

Como observarmos no exemplo (4), retomado abaixo, em alguns casos, pode haver total transparência semântica da construção *vamos supor*. Nesses casos, ao funcionar como marcador discursivo e possuir a função de orientador do discurso, esta estrutura não possui escopo dentro do texto. Parece-nos haver um esvaziamento semântico por parte da construção, que passa a atuar de forma diferente, como iremos tratar mais adiante.

- (4) Doc.: cê falou que cê gosta da Terapia Ocupacional né? que que cê acha de fazer esse tipo de... terapia mesmo? cê acha importan::te?

Inf.: ah eu acho porque:: *vamos supor* mente vazia é a oficina do diabo né? então:: lá é um lugar que cê num fica de mente vazia então (o tempo) ocupa bastante cê conversa com bastante gente tem bastante coisa pá fazer... cê tem:: muitas/ cê tem vários lugares prá você (tá indo) fazer alguma coisa...

(AC-024)

A oração que vem após a estrutura *vamos supor* não se aproxima semanticamente, de forma alguma, das estruturas comumente encontradas em posição semelhante, já que, após a estrutura, normalmente, encontramos uma construção que denota uma suposição, um fato fictício criado pelo falante para a explanação de uma idéia. Nesse exemplo, a oração seguinte à construção é um provérbio, tido culturalmente como uma verdade universalmente aceita dentro de uma sociedade, ou comunidade, por isso insistimos tratar-se de um marcador discursivo.

### 3. Esvaziamento semântico

Nota-se, em alguns exemplos, que pode haver um esvaziamento semântico da estrutura *vamos supor*, pois, como observamos no exemplo (10), o falante, ainda que recorra ao uso da perífrase verbal cristalizada *vamos supor*, codificadora de um evento tido como suposição, pode também fazer uso da conjunção condicional *se*, usada para codificar o mesmo tipo de evento, ou seja, um evento fictício e possível de ocorrer. Haveria nesse caso um reforço semântico pelo uso do *se* condicional.

- (10) se uma pessoa tem uma doença... e a tua família num tem... você às vezes até critica o outro... só que quando acontece na tua família as coisas mudam na tua vida... é diferen/ eu não sei assim... qual que seria a minha reação... de repente... por exemplo eu posso ficar grávida de novo... entendeu? se eu quiser... eu não sou operada... só... que *vamos supor* se acontecesse isso eu num sei se eu teria ou não a crian/ eu num sei se eu teria con/ assim coragem né... de pôr uma criança que iria vegetar no mundo... num sei... eu acho que é uma coisa assim que só de momento mesmo... eu não saberia te responder  
Doc.: num ia saber né?

(AC-079)

### 4. Posição

A fixidez de posição da estrutura não diminui, ainda que haja uma alteração a partir do momento em que a perífrase *vamos supor* deixa de integrar a oração matriz de uma estrutura complexa (v. exemplo (1) e (2)) e passa a atuar em uma construção que chamamos de justaposta (v. exemplo (3)). Nas ocorrências analisadas, não houve aumento da mobilidade da estrutura, talvez porque continuasse codificando o mesmo tipo de evento. Da mesma forma, julgamos insuficientes os dados para apontarmos uma mudança no comportamento da estrutura quanto à posição, mesmo para contextos em que ela atua como marcador discursivo (v. exemplo (4)).

## 5. Considerações finais e suposições (*vamos supor*)

Observamos que o *vamos supor* pode ter um comportamento variado dentro do discurso, funcionando ora como oração matriz, ora como primeira oração de um conjunto de orações justapostas e ora como marcador discursivo. Tanto em situação de subordinação como em situação de justaposição, a função de encaminhamento ou introdução de uma hipótese ou conjectura é verificada, de forma mais ou menos acentuada, o que não ocorre porém nos casos em que a estrutura se comporta como marcador discursivo.

Interessante observar a mudança operada no verbo *supor* (v. exemplos (v),(vi),(7) e (4)), já que inicialmente tratava-se de um *verbo pleno*, que, posteriormente, passou a integrar a perífrase verbal composta do *verbo auxiliar + supor*, passível de conjugação e, que se cristalizou e passou a ser usado na forma fixa com conjugação do *auxiliar em primeira pessoa do plural no presente do indicativo + infinitivo*, codificando um evento hipotético, como nos usos anteriores e, finalmente, ainda que sem alteração de estrutura, passou a funcionar como marcador discursivo, tendo semântica exterior ao conteúdo proposicional.

(v) Eu *suponho* que hoje vá chover muito.

(vi) Nós *tínhamos suposto* que ele não viria ao encontro.

(7) Inf.: ah tá... então... por exemplo depende a cor que vo/ que a pessoa tiver no cabelo... depende se ela quiser mudar de tom de cabelo... tem tudo isso envolvido... por exemplo... se a pessoa quiser... *vamos supor* que a pessoa ela tá querendo pintar o mesmo tom que ela já tá no cabelo... só que ela tá com com o cabelo branco entendeu?... então o que que vai acontecer... prá pegar bem a tinta que ela tem que...

(AC-079)

(4) Doc.: cê falou que cê gosta da Terapia Ocupacional né? que que cê acha de fazer esse tipo de... terapia mesmo? cê acha importan::te?

Inf.: ah eu acho porque:: *vamos supor* mente vazia é a oficina do diabo né? então:: lá é um lugar que cê num fica de mente vazia então (o tempo) ocupa bastante cê conversa com bastante gente tem bastante coisa pá fazer... cê tem:: muitas/ cê tem vários lugares prá você (tá indo) fazer alguma coisa...

(AC-024)

Baseados no exposto, arriscamos, preliminarmente, algumas suposições, a fim de que outros estudos sejam feitos para atestar ou refutar o que passamos a indicar.

O verbo *supor* pode ter passado por um processo de discursivização, partindo de uma forma plena para uma forma perifrástica. Um estágio posterior ocorreu e a forma perifrástica variável em tempo, pessoa e número deu espaço a uma forma mais especializada, cristalizada, ou seja, sem variação.

O último e mais recente estágio se deu com a discursivização da estrutura *vamos supor*, que perdeu seu estatuto semântico de conjecturador e passou a funcionar como marcador discursivo, tendo papel externo ao conteúdo proposicional.

É de suma importância destacar, porém, que nenhuma das quatro formas acima identificadas deixou de existir, há apenas a co-ocorrências de todas elas. Propomos abaixo um cline de mudança.

VERBO PLENO (SUPOR)	AUXILIAR + INFINITIVO (SUPOR)	FORMA FIXA (VAMOS SUPOR) “HIPÓTESE”	FORMA FIXA (VAMOS SUPOR) MARCADOR DISCURSIVO
------------------------	-------------------------------------	---	---



### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BYBEE, J. L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amstедam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.

CUNHA, C. F., CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fronteira, 1985.

FÁVERO, L. L., ANDRADE, M. L. C. V. O. e AQUINO, Z. G. O. Correção. In: JUBRAN, C.C.A.S. e KOCH, I.G.V. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. Vol. I – Construção do texto falado.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

JUBRAN, C.C.A.S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C.C.A.S. e KOCH, I.G.V. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. Vol. I – Construção do texto falado.

JUBRAN, C.C.A.S. e KOCH, I.G.V. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. Vol. I – Construção do texto falado.

KOCH, I.G.V. SILVA, M.C.P.S. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

KOCH, I.G.V. Especificidade do texto falado. In: In: JUBRAN, C.C.A.S. e KOCH, I.G.V. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. Vol. I – Construção do texto falado.

ILARI, R. *Introdução à semântica – brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo do léxico – brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2002.

PONTES, E. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1989.

RISSO, M. S., SILVA, G. M. O. e URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C.C.A.S. e KOCH, I.G.V. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. Vol. I – Construção do texto falado.